

REVISTA RAIZ

Coleção 'TRAMAS URBANAS' lança livro sobre movimento literário da periferia paulistana.

Por Thereza Dantas

Rap, hip-hop, a estética das artes urbanas, moda, os Coletivos e o Viva Favela foram os temas dos sete primeiros livros da série, que registra a cultura produzida na periferia. “Surge um fenômeno mais amplo, não restrito aos guetos, e que ressoa e estimula a cultura urbana de forma explosiva e irreversível”, diz a escritora, editora Heloisa Buarque de Hollanda, que idealizou a coleção Tramas Urbanas. Em 2007 foram lançados os livros Poesia revoltada, de Ecio Salles, Cidade ocupada, de Ericson Pires do Coletivo Hapax, Notícias da favela, da jornalista Cristiane Ramalho, Trajetória de um guerreiro, do DJ Raffa e Acorda Hip-hop!, DJ TR.

Em 2008, a editora continuou a lançar livros com temas muito atuais como Daspu, a moda sem vergonha, de Flavio Lenz, e História e memória de Vigário Geral, de Maria Paula Araújo e Écio Salles. Em setembro, dia 12 e 19 respectivamente serão lançados Cooperifa, antropofagia periférica, de Sérgio Vaz, e Favela tomam conta, de Alessandro Buzzo, um dos blogueiros da RAIZ. A safra de 2008 fecha com o título Tecnobrega: o Pará reinventando o negócio da música, de Ronaldo Lemos e OOna Castro.

A cultura do século 21

A cultura produzida na periferia é a grande novidade do século XXI. Os novos movimentos culturais gerados em favelas e periferias das grandes cidades repercutem com tamanha força que saíram dos limites da exclusão e estão dando origem a uma nova cultura urbana. “Surge um fenômeno mais amplo, não restrito aos guetos, e que ressoa e estimula a cultura urbana de forma explosiva e irreversível”, diz a escritora, editora e crítica literária Heloisa Buarque de Hollanda, que idealizou a coleção Tramas Urbanas. A coleção é ousada. Seus autores não são os doutores da universidade lançando olhares sobre o objeto estudado, os autores são seus protagonistas, são os atores de suas histórias.

A idéia da Tramas Urbanas é dar voz a pessoas que vivem ou que sejam identificadas com a periferia – e com isso, abrir o foco dos lugares comuns criados pela produção intelectual tradicional. “Esta nova produção é importantíssima porque chega com muita garra, é pró-ativa, não se faz de

vítima, não choraminga, e não depende do Estado. Cria imagens, sons e linguagens próprias e tem um poder de mobilização surpreendente”, analisa Heloisa Buarque.

Cooperifa, antropofagia periférica

Livro conta a história dos saraus que reúnem centenas de pessoas da periferia de São Paulo em torno da poesia. “A Cooperifa é um dos fenômenos culturais mais importantes desses anos 00. Acharmos importante registrar como surgiram esses encontros, de onde vem esse poeta revolucionário – que em pleno século XXI refaz não apenas o caminho antropofágico da poesia modernista e sua Semana de Arte Moderna, mas sobretudo recria agora, dono de sua voz, o grande quilombo da poesia paulista”, diz a curadora da coleção Tramas Urbanas.

O livro também conta a saga do poeta Sergio Vaz, que até conseguir se manter com a poesia, escreveu letras de música, trabalhou como auxiliar de escritório, assessor parlamentar e vendedor de videogame. Lançou cinco livros de poesia, entre eles “Subindo a ladeira mora a noite” e “Colecionador de pedras”, nome do seu blog.

Em sete anos de saraus da Cooperifa já foram lançados mais de 40 livros de poetas e escritores da periferia, além de dezenas de discos. “A Cooperifa trabalha única e exclusivamente com o conhecimento. Por meio da poesia, muitos começaram a se interessar pela leitura, pela criação poética, e hoje, muito deles já lançaram seus próprios livros. Por conta da literatura, vários jovens e adultos voltaram a estudar e alguns já estão até formados”, lembra Vaz.

A seguir entrevista com a profa. Heloísa Buarque de Hollanda, diretora da Editora Aeroplano, curadora do Portal Literal e da coleção Tramas Urbanas.

Portal RAIZ.: Como surgiu a idéia da coleção?

Heloísa Buarque de Hollanda: Eu venho estudando desde o início da década de 1990 a ascensão da cultura da periferia. E cada vez mais me impressionava seu vigor, suas novas linguagens, suas novas políticas. Estou inclusive tentando escrever um livro sobre isso. Mas meu livro seria um livro branco, de classe média universitário. É o que posso e sei fazer. Mas no caso da cultura da periferia, sempre achei que ela merecia mais do que essa forma de registro jornalístico ou acadêmico. E também comecei a reconhecer com clareza que os protagonistas desses movimento

era intelectuais de boa cepa. Então pensei em convidá-los para fazer seu próprio relato sobre essa cultura da qual eram parte intrínseca. E isso é a coleção Tramas Urbanas.

Portal RAIZ.: Como a Sra. vê a produção artística da área rural do país?

Heloísa Buarque de Hollanda: Vejo com muito interesse , conheço a produção cultural de movimentos artísticos como os do MST, mas não é essa minha área de trabalho. Não creio que sejam menos importantes, mas no que realmente investi foi na cultura das favelas e das periferias das grandes cidades brasileiras.

Portal RAIZ.: A escolha dos autores é feita a partir de que critérios?

Heloísa Buarque de Hollanda: A partir do interesse os temas que são desenvolvidos e da disponibilidade de autores orgânicos que se interessem em escrever sobre os temas eleitos.

Portal RAIZ.: Há autores fora do eixo Rio/São Paulo?

Heloísa Buarque de Hollanda: O meu esforço nessa direção foi enorme. Mas reconheço que é muito difícil conduzir um projeto editorial à distancia. São livros basicamente encomendados e tenho tentado com determinação estimular escritores de outras regiões, mas é realmente complicado essas distâncias culturais e geográficas enormes que o Brasil nos oferece para o bem e para o mal... Por exemplo, acho fundamental fazer um volume sobre o grupo Alto Falante, que veio do Mangue Beat e que é um dos mais fortes e instigantes movimentos culturais da favela Alto José do Pinho, em Recife. Já tentei dois autores, mas, até agora , o texto não chegou. O mesmo com o grupo de Salvador, Bagunção que me deve o texto de um volume há dois anos. Mas a gente chega lá.

Portal RAIZ.: Essa redescoberta da periferia, não seria a descoberta de como é formada a nação brasileira?

Heloísa Buarque de Hollanda: Acho que é até mais do que isso. É sim a redescoberta da formação mais ampla da nação brasileira, mas é também a descoberta das possibilidades de produção e criação que só estão sendo oferecidas nesses últimos anos. Portanto é também a redescoberta de um momento.

Portal RAIZ.: E a cultura da elite? Na sua opinião dá sinais de que está viva e pulsando?

Heloísa Buarque de Hollanda: Claro que sim. Nosso cinema acordou de um longo sono “colorido”, e a literatura nunca esteve tão bem. Essas são as duas áreas em que posso opinar com mais conforto.

E garanto que, nessas áreas, tanto a consolidação da produção mais estabelecida como a enorme emergência de novos autores e tendências é um fato bastante concreto.

Portal RAIZ.: Como a Sra. entende essa classificação: literatura da periferia?

Heloísa Buarque de Hollanda: Acho uma classificação complexa e polêmica porque a noção de periferia é uma das noções cuja discussão e conceituação vai certamente fazer parte de nossa agenda por muitos anos. Por outro lado eu adoto e respeito essa definição porque foi o rotulo que essa própria produção escolheu para se auto-nomear.

Portal RAIZ.: A estética vale para todas as classes sociais?

Heloísa Buarque de Hollanda: Se você estiver falando de qualidade estética, é claro que sim. No meu trabalho tenho o maior cuidado em trabalhar a idéia de qualidade na produção da periferia que tenho em mãos. Uma coisa não é boa porque vem da periferia. Porque seu autor é negro e/ou pobre. Se não trabalhasse dessa forma, estaria desrespeitando seriamente essa produção.